

Resenha

A civilização do espetáculo: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura

Mario Vargas Llosa, nascido na cidade peruana de Arequipa, em 1936, atua como escritor, jornalista, ensaísta e político. Chegou a candidatar-se à presidência do seu país de nascimento, na década de 1990, fortemente movido pelo ideal de que, apesar das imperfeições, a democracia ainda é o sistema que gera sociedades mais civilizadas. Atualmente, é cidadão espanhol e se constitui em um dos mais destacados e premiados representantes da prosa latino-americana, tendo recebido, dentre outras honrarias, os prêmios Nobel de Literatura e Cervantes. Ao longo de sua carreira, Llosa começou a ter reconhecimento de seu trabalho de literatura graças a sua incursão no realismo mágico, em voga na América Latina nos anos 1960 e 70, e cujo primacial expoente foi o colombiano Gabriel García Márquez. Llosa também incursionou pelo romance histórico, cujo principal trabalho foi *A guerra do fim do mundo*, que possui como pano de fundo o conflito ocorrido no sertão da Bahia e liderado de forma messiânica por Antônio Conselheiro. Este autor peruano também possui uma expressiva produção de ensaios, cujo trabalho mais recente nesta área é *A civilização do espetáculo: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura*. Publicado originalmente em 2012, configura-se no objeto desta resenha.

Como o subtítulo já indica, Llosa propõe uma reflexão aprofundada e crítica do que, atualmente, denomina-se como cultura. Em que pese a ponderação que o autor faz da grande e variada quantidade de obras elaboradas acerca dessa temática, o livro em questão inicia-se com uma discussão do conceito de cultura. Para tanto, embasa-se na visão de diferentes autores e que abrange um recorte temporal do final dos anos 1940 até os dias atuais.

As duas primeiras e mais extensas seções da obra, *Metamorfose de uma palavra* e *A civilização do espetáculo*, servem como ponto de partida para as reflexões posteriores que o livro irá mostrar. Assim, Llosa propõe uma discussão das ideias sobre cultura a partir do olhar do escritor estadunidense T. S. Eliot.

Para Eliot, cada classe social – assim como as principais instituições transmissoras de cultura que são, segundo ele, a Igreja e a família – produz a sua cultura, da maneira que melhor a convém, conquanto que existam coexistências entre elas, o aspecto econômico de cada classe social marca as características das respectivas produções culturais. Contudo, para Eliot, esta noção de classe não se consiste em algo rígido, imutável. Em seguida, o autor peruano debruça-se sobre o pensamento do alemão George Steiner. Este autor, para Llosa, dá uma nova contribuição ao debate sobre a cultura,



Ana Karin Nunes¹
Vinícius Moser²

¹ Graduada em Comunicação Social/Relações Públicas pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), Mestre em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora e pesquisadora da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS.

² Graduado em História (2011) e Mestre em Processos e Manifestações Culturais (2013), ambos pela Universidade Feevale (FEEVALE). Professor na Secretaria Estadual de Educação do Estado do Rio Grande do Sul (SEDUC-RS).

no sentido de que traz à discussão o componente da violência político-social, especialmente a questão do sentimento marcante de pessimismo, que acometeu o pensamento mundial após a II Guerra Mundial (1939-1945). Para este pensador alemão, ganha relevo a capacidade de autocrítica do pensamento ocidental diante das consequências catastróficas deste conflito, o que fez engendrar a chamada cultura “pós-moderna”, cujas tônicas são o estoicismo e os irreparáveis danos ao ambiente natural.

Na sequência às ideias destes dois pensadores, é mostrado o que Guy Debord considera sobre a situação da cultura. No livro *A sociedade do espetáculo*, redigido em prosa considerada difícil por Llosa e dividida em 221 proposições, o autor francês expõe o processo de fetichização da mercadoria, no qual o objeto produzido em escala industrial e destinado às massas, ganha o espaço central na vida e nas discussões. De igual forma, Debord defende que o espetáculo trata-se do verdadeiro mecanismo de ilusão, na vida moderna. Llosa esclarece que suas teses se contrapõem frontalmente às de Debord, apesar da similitude de nome do título deste com o livro aqui analisado, pois este se centra nos aspectos econômico e social. No entanto, o autor peruano considera as ideias deste pensador, no campo da cultura, válidas e que ensejam reflexões, no ensaio de Llosa.

Na parte final da primeira seção do livro, é mostrada a perspectiva de cultura na contemporaneidade segundo Gilles Lipovetsky e Jean Serroy. Estes pensadores defendem e enaltecem o surgimento de uma cultura global, a chamada “cultura-mundo”, também chamada de globalização ou mundialização do capitalismo. Este conceito se apoia no progressivo apagamento das fronteiras ideológicas e territoriais, por meio da revolução científica, comunicacional e tecnológica, especialmente no surgimento e disseminação em grande escala da internet. Para estes autores, a cultura deixou de ser elitista e restrita, para se tornar algo acessível às massas, com a intenção de proporcionar ao máximo entretenimento, diversão e prazer às pessoas. Dito de outra maneira, não se faz mais necessário o olhar crítico e aprofundado sobre uma obra de arte ou um fenômeno social: na atualidade, basta apenas um vislumbre, um relance, para que se consiga produzir uma crítica cultural acessível às massas.

O último autor que Llosa discute, em suas ponderações sobre as distintas formulações do conceito de cultura e seus desdobramentos, sobretudo nos últimos setenta anos, constitui-se no jornalista e sociólogo francês Frédéric Martel. O autor peruano considera o livro *Mainstream*, publicado por Martel em 2010, como um exemplar aterrorizante do conceito de cultura a serviço do entretenimento, que acabou por subverter o conceito de cultura que existia há cinquenta anos. O autor francês refuta as ideias sobre o surgimento de uma “cultura-mundo”, que Lipovetsky e Serroy trazem, por já estarem defasadas, posto o frenético redemoinho social e cultural que a contemporaneidade gerou. Neste livro de centenas de páginas, Martel ocupa sua atenção em somente um livro, *O Código Da Vinci*; o resto da publicação dá espaço, de forma exclusiva, a videogames, mangás, vídeos, música rap ou pop e as indústrias criativas que os produzem e promovem. Como

mostra Llosa (2013, p. 27) “Cultura é diversão, e o que não é divertido não é cultura”. Dessa forma, um produto da cultura contemporânea não pode durar mais que o seu tempo de apresentação e consumo, para dar lugar a outros produtos, numa sucessão de sensações e pensamentos efêmeros.

Llosa segue sua avaliação sobre as questões do raso, do fácil e do efêmero, dentro da cultura contemporânea, no capítulo seguinte de sua obra, que possui o mesmo nome do livro resenhado. Para o autor, a chamada “civilização do espetáculo” configura-se numa forma de ordenar o mundo na qual, em primeiro lugar, a ânsia de se escapar do tédio, a diversão e o entretenimento, são os valores principais da sociedade.

Tal estado de coisas, segundo o autor, originou-se do fato de que, desde o final da Segunda Guerra Mundial, parte da população mundial, sobretudo nos países mais avançados industrialmente, beneficia-se de facilidades e de oportunidades no cotidiano, bem como de acesso a entretenimento em escala jamais vista. Este fenômeno gera uma sensação de contentamento – seja com livros, filmes, obras de arte e, inclusive, o ensino escolar – com o que é raso, de fácil consumo e que não exija uma maior reflexão por parte dos consumidores destes produtos e serviços. Por este motivo, conforme a visão de Llosa, que a música, especialmente a eletrônica, conquiste cada vez mais adeptos, pois se configura como que numa celebração da juventude, da beleza e da vida, sem que haja, contudo, um viés de transformação do intelecto ou mensagem específica.

Outro fator que levou a essa situação foi a tentativa – bem intencionada, a princípio – de se democratizar a cultura e o acesso a esta. Cabe destacar que, na visão de Llosa, tal movimento originou-se de uma perspectiva antropológica de cultura, na qual qualquer manifestação de uma comunidade configura-se em uma manifestação cultural. Todavia, tal processo resultou num efeito inverso: tornou medíocre e trivial a vida cultural na atualidade, ao postular a quantidade em detrimento da qualidade.

Com isso, a publicidade e a oportunidade mercadológica acabaram por dirigir os gostos das pessoas, com a finalidade de tornar as artes, a política e, mesmo, os esportes de massa, como o futebol, por exemplo. Com relação ao esporte, o autor peruano traz a reflexão de que, ao contrário do que ocorria na antiguidade clássica, em que o cuidado com o esporte andava lado a lado com o cultivo do intelecto, na atualidade o esporte se sobrepôs ao exercício intelectual. Assim, a crítica cultural e a crítica, de uma maneira geral, segundo Llosa, praticamente desapareceu e ficou restrita a um círculo rarefeito de estudiosos e acadêmicos. Também é necessário realçar que, dentro deste cenário, o preço sobrepõe-se perigosamente ao valor de uma obra, seja um filme, livro, música ou objeto de arte.

Llosa dedica uma crítica contundente ao papel do jornalismo nessa civilização do espetáculo, o qual vive uma deformação dos seus princípios tradicionais. Para o autor, transformar informação em instrumento de diversão significa abrir as portas para o jornalismo marginal e clandestino.

Alicerçado com estas bases teóricas e conceituais, Llosa, no restante do livro, colige diversos textos opinativos seus, publicados no jornal espanhol

El País entre 1995 e 2011 e que são colocados como abertura – ou “pedra de toque”, como o autor denomina – das suas reflexões subsequentes. No final do livro, há a transcrição do discurso de agradecimento do autor pelo recebimento do Prêmio da Paz dos Livreiros e Editores Alemães de 1996, que também auxilia a reforçar a linha argumentativa de Llosa.

Tais considerações, de forma geral, retomam os pontos apresentados na parte inicial do livro, embora com mais profundidade. Ganha importância aqui mencionar que Llosa discorre sobre as questões da perigosa simplificação do ensino escolar – especialmente o ensino básico, seja em países avançados economicamente quanto os que estão em desenvolvimento –, do fundamentalismo religioso e a importância da defesa do laicismo do Estado. Também é importante destacar a forma como o autor mostra a banalização extrema do erotismo, consequência nefasta do importante processo de liberação das sexualidades, ocorrido ao longo do século XX.

A cultura, na visão de Llosa, não pode afastar-se da vida real, verdadeira. A irresponsabilidade e a vocação do ser humano, de levar a cultura ao lugar da brincadeira, fazem dela um castelo de areia que pode ser desmanchado na primeira ventania. Nessa perspectiva, o autor propõe uma reflexão sobre a ideia de cultura popular, no sentido de contraponto à cultura oficial e aristocrática, tal qual refere Bakhtin. Os limites que mantinham as barreiras entre cultura e incultura desapareceram, dando espaço para a ideia de que toda a pessoa é culta de alguma maneira, independente de ter adquirido noções básicas dos conhecimentos humanísticos, científicos e tecnológicos do mundo em que vive.

As ideias expostas por Llosa ao longo do livro resenhado traduzem, de certa maneira, os câmbios teóricos e ideológicos que o autor experimentou no decorrer de sua carreira como escritor. No começo de sua carreira literária, o autor se identificava com as ideias associadas à esquerda e chegou a admirar a ascensão do regime socialista em Cuba. Com o tempo, o autor muda sua linha teórica de pensamento e passa a defender valores mais relacionados com o liberalismo e chega a se candidatar à presidência do seu país de origem por uma coligação partidária de centro-direita. Influenciado por filósofos franceses como Raymond Aron, Jean François Revel e pelo austríaco Karl Popper, Llosa faz da sua obra um contínuo que aperfeiçoou-se no tempo, que não prendeu-se a ideais rígidos, mas que agregou novos pontos de vista econômicos, sociais e culturais.

De uma maneira geral, o livro ganhou notoriedade por sua postura crítica em relação ao estado de coisas da cultura e comportamento na contemporaneidade, a contundência da argumentação apresentada, assim como a variedade, o relevo e a por Llosa e que passa despercebido, numa primeira leitura, pode ser tão ou mais inquietante do que geralmente é destacado em sua obra. Este aspecto se configura na busca da humanidade atual pela felicidade e pela diversão, sem que ocorram problematizações mais aprofundadas. Mesmo que o livro não possua uma redação rebuscada e inacessível, tal questão, diante da quantidade de argumentos e inferências que Llosa traz, pode ficar em um segundo plano, ao leitor.

No entanto, cumpre frisar que os pensamentos contidos na obra de Llosa podem induzir um leitor desatento a concluir que a cultura somente pode ser acessível a um grupo restrito de pessoas. Embora o autor procure justificar tal afirmação, ao longo do livro, com diversos argumentos, em alguns momentos tal proposição não fica suficientemente clara, o que pode levar à dúvida, o leitor. De igual modo, ainda que o autor tenha discorrido sobre a questão da política e sua transformação em um espetáculo regido pelas questões de imagem e impacto visual, poderia haver um espaço maior para uma discussão mais aprofundada das razões e consequências deste processo na sociedade atual. Por fim, cabe ressaltar o risco de o livro que aqui é resenhado, por seu grande sucesso junto ao público, acabe se tornando um objeto de rasas e frívolas discussões, cujo principal ponto a favor dele seja seu sucesso de vendas. Tal possibilidade é, justamente, o contrário do que Llosa propugna, ao longo de sua produção.

Desta maneira, o livro de Llosa, analisado no decorrer do texto constitui-se em um inquietante desfile de perguntas e, ao contrário do que muitos leitores esperam, oferece poucas respostas para elas. Ao contrário, o autor oferta ao leitor desta obra constatações que, com brevidade cada vez maior, precisam ser refletidas e discutidas com profundidade.